

MORAL E ÉTICA

Mariana Lessa de Oliveira (UFRGS)¹

"If being afraid is a crime, we hang side by side"
Swinging Party, The Replacements

1

Alguém abriu a porta e apontou para o final do longo corredor, "A geladeira fica lá. Tem cerveja gelada e vinho. Tem uísque também, se preferirem. Sintam-se em casa", e desapareceu. O aroma do apartamento era uma mistura ainda não patenteada de vinho e maconha, que aquecia a atmosfera preenchida por vozes, risos e pelo som dos Replacements. Caminhamos desviando dos corpos que transbordavam da sala, dos quartos, dos banheiros, pedindo desculpas por cada esbarrão ignorado, como se o desequilíbrio já fosse um estado natural. Chegamos à cozinha, igualmente cheia de pessoas.

- Fica aqui. Vou pegar uma ceva pra gente - Meu então namorado me disse. Eu procurei uma parede desocupada para me escorar. Foi quando encontrei a porta para a varanda, e lá estava você, cigarro no canto da boca, tocando violão, sozinho no frio. Minha presença não parecia atrapalhar. É como se você estivesse acostumado a ser assistido. Você tomou um longo gole de sua cerveja assim que terminou de tocar, e só então olhou para mim.

- Algum pedido? - me perguntou. Balancei a cabeça: não.

Você baixou a cabeça e começou a tocar de novo e, embora não soubesse cantar, isso não me incomodava. Admirei tua confiança, tua voz rouca e por vezes desafinada. Sentei no degrau da porta da cozinha e fiquei te observando por inteiro: dos pés à cabeça, vi seus ombros levantarem a cada acorde um pouco mais difícil de fazer, suas sobranceiras arquearem a cada tom mais agudo. Você tocou um último acorde e deixou o som morrer por conta, depois escorou o violão na mesa redonda de vidro, e tirou um baseado do bolso do casaco.

- Tá com alguém aqui? - você perguntou.

¹ Formada em Letras - Inglês (UFRGS), Mestre em Estudos de Literatura (UFRGS), Especialista em Estudos de Tradução (PUCRS) e Doutoranda em Estudos de Literatura (UFRGS). E-mail: lessamariana88@gmail.com.

- Meu namorado. - Você lambeu o papel e fechou o baseado cuidadosamente.
 - Qual o nome dele?
 - Paulo.
 - Costa?
 - Isso.
 - Fui colega dele no ensino médio e tocamos numa banda juntos, por um tempo. - Esbocei um sorriso diplomático. Você me ofereceu o baseado.
 - Melhor não, ele não curte muito. - Você riu, como se fosse uma piada interna. Eu não tive coragem de perguntar qual era a graça. Você se levantou e sentou do meu lado no degrau e começou a fumar.
 - Passivamente não tem muito o que fazer, né? - Ele disse, me olhando de canto de olho. Ficamos assim por alguns minutos, até que você quebrou o silêncio.
 - Vocês tão juntos há quanto tempo?
 - Alguns meses. - Você deu outra tragada, pensativo, como se aquela informação fosse de alguma utilidade.
 - E vocês moram juntos?
 - A gente nem mora na mesma cidade. Eu tô aqui de visita.
 - Faz tempo que eu não vejo o Paulo.
 - Bom, ele tá lá pra dentro se você quiser falar com ele. - Nem se mexeu. Não parecia fazer muita questão.
- Que degrau estreito. Nossas pernas se encostavam. Era estranho sentir alguém tão desconhecido tão perto de mim.
- O que tu curte? Você perguntou e eu estiquei a perna esquerda, que começava a formigar.
 - Séries.. Música... Viajar... - respondi, meio sem saber o que dizer. E, de novo: o vácuo. Eu geralmente pensaria “que cara chato” e sairia, mas tinha alguma coisa ali, eu só não sabia muito bem o que era. Ouvi meu nome ser chamado lá de dentro. Perguntei se ia entrar, e você só balançou a cabeça, olhando para o chão e continuou lá, sozinho, no frio.

2

Acordei com um pé na minha barriga. Tava enjoada demais pra ver de quem era. Fiquei um tempo assim, meio-acordada, olhando pro teto e vendo as rachaduras em volta do lustre. Alguém gemeu mais adiante, e me perguntei em que parte do apê eu tava. Quando finalmente criei coragem para me levantar, vi que o pé era de uma menina com o rosto todo borrado de maquiagem. Nem sinal do Paulo ali, onde acho que era a sala. Cheguei no corredor escuro e me escorei na parede, sentada com a cabeça entre os joelhos. Fiquei parada, recuperando meu fôlego e torcendo para não vomitar quando ouvi o ronco de uma cafeteira. Entrar na cozinha foi como entrar em outro apartamento: sol, cheiro de café, torrada, e Lemonheads tocando baixinho enchem o lugar de vida. Olhei pra varanda e lá estava você de novo, sentado descalço na mesa de vidro, lendo Murakami.

- Oi - Falei baixinho e rouca. Você baixou o livro, marcando a página com o indicador.

- Bom dia - Olhei para os lados, cruzando os braços, sem saber muito bem o que fazer ou dizer. Eu acho que tava com um pouco de vergonha, do meu estado.

- Senta aí – Sentei. – Quer café?
- Sim... – respondi. – Você foi na cozinha e nos serviu de café e trouxe um pedaço de pão pra mim.
- É melhor comer um pouco também. – Comi, em silêncio, tomei um pouco de café e foi como se tivesse respirando novamente. O café acionou tudo no corpo. A vida restaurada.
- Você mora aqui? – perguntei com um pedaço de pão na boca. Você baixou o livro de novo.
- Sim. No quarto do lado da cozinha. Divido o apê com o Nico, que era quem tava dando a festa ontem.
- E você não tava na festa, né?
- Eu tava no apê, mas não na festa.
- E o que você tá achando do 1Q84?
- Ah... – Você respondeu, meio surpreso e colocou o livro em cima da mesa. – Pois é, não sei ainda. Eu curto a ideia de coisas aparentemente nada a ver estarem conectadas, ligadas de alguma forma. Mas, ainda não sei te dizer o que acho do livro. Tu já leu?
- Não – falei rindo. Por que eu ri? – É meio grande, né? – falei, e depois me arrependi. Você arqueou as sobrancelhas, e sorriu (acho que por educação) e se levantou.
- Bom, tenho que trabalhar – e saiu, deixando o livro em cima da mesa.

3

Nico e Paulo conversavam animadamente, trocando histórias da época de banda. Eu tava sentada numa poltrona na sala, observando a conversa e sorrindo. Às vezes, quando os dois se perdiam no papo, eu olhava em volta e admirava a decoração: discos por toda parte, três tipos de aparelho de som, alguns livros. O que disso tudo era teu? O único cômodo do apê que eu ainda não tinha visto era o teu quarto. Paulo ainda nem havia perguntado por ti, mas o Nico já tinha dito que você trabalhava o dia inteiro. Paulo não falou nada. Meio parecido como você fez aquele dia, sentado do meu lado. Me perguntava o que tinha acontecido entre vocês dois, mas não tinha coragem de perguntar. Era melhor não saber algumas coisas. Eu tava viajando quando Paulo me chamou a atenção.

- Tá escutando?
- Agora, sim. – respondi um pouco irritada com o tom dele.
- Nós vamos sair hoje com o Nico e o Poeta, vamos a um bar no centro. – Paulo me informou.
- Ah... o Poeta curte o... – Começou Nico, sem saber como terminar. – Enfim, só pra avisar que talvez ele vá também. – Paulo olhou pro Nico, respirou fundo e não comentou nada. Eu continuo sem saber teu nome.

4

O bar estava lotado, uma banda tocava em um palco improvisado os hits dos anos 80. Tinha gente sentada no bar, bebendo e conversando. De vez em quando, uma risada se sobressaía. No fundo do bar, havia uma pequena pista de dança, onde

as pessoas, talvez um pouco mais alcoolizadas, dançavam ao som de The Cure. Havia alguns observadores sentados mais ao fundo nos bancos encostados nas paredes. Nico apontou para o Poeta, sentado em um dos bancos, com uma perna esticada e o rosto virado para você. Vocês pareciam bem amigos. Era difícil escutar qualquer coisa com o barulho do bar, mas imagino que Nico tenha nos apresentado a você e ao Poeta. Fingimos que era a primeira vez que estávamos nos conhecendo e eu apertei a sua mão e, depois, a do Poeta. Paulo se aproximou do Poeta e falou alguma coisa no ouvido dele, com a qual ele concordou veemente balançando a cabeça, sorrindo e dando um tapa nas costas do Paulo, que fez com a cabeça para mim que ia até o bar. O Poeta sentou novamente, Nico de um lado, você de outro. Eu sentei do seu lado e fiquei olhando as pessoas dançarem, admirando um cara que fazia jus à máxima de dançar como se ninguém estivesse olhando. Você se encostou em mim e sussurrou algo no meu ouvido.

- Quê? – eu gritei.

- Esse cara... muito... demais... louco. – Você repetiu, e eu fingi ter entendido. Você me cutucou com o braço, oferecendo sua cerveja. A cerveja desceu levando um arrepio pelo corpo. Era muito pouco, mas eu já começava a me sentir um pouco embriagada. Paulo voltou e me alcançou a minha bebida, e sentou do lado de Nico e do Poeta, tentando conversar com eles.

- Tim-tim? – você levantou sua ceva para mim. Batemos de leve as garrafas e bebemos um gole juntos, observando o dançarino da vez pulando pela pista de dança e aplaudindo e gritando obscenidades elogiosas para a banda ao término da música. Você riu e eu sorri. O vocalista agradeceu e anunciou a próxima música: This Charming Man. Levantei e fui até Paulo, perguntando se ele queria dançar comigo. Ele indicou que não com a mão e voltou a conversar com o Nico e o Poeta, que ficou me olhando, sorrindo. Em outras ocasiões eu teria sentado de volta, sem coragem de ir para a pista de dança sozinha. Era sempre assim. Eu nunca tinha coragem de tomar iniciativa e sempre acabava indo na onda dos outros, geralmente namorados. Mas, dessa vez, eu não queria que fosse assim. Levei minha cerveja comigo e fui para a pista de dança. Embora eu estivesse sozinha, logo comecei a sentir como se estivesse dançando com todos ali. A solidão se desfaz na ação coletiva. O dançarino veio para perto de mim, batendo palma e sorrindo. A pista de dança serve para isso, para se dar conta da infelicidade que é a inércia a qual nos subjugamos quando seguimos o ritmo dos outros. Mas, eu não sabia qual era o meu ritmo. Tinha momentos em que eu conseguia ver pela fechadura tudo aquilo que eu era, mas daí a realidade colocava uma toalha e eu não enxergava mais nada. Fui até o bar pegar outra cerveja, sem olhar, sem perguntar, sem indicar nada para o Paulo. Eu queria fingir que estava ali sozinha. A próxima música que a banda anunciou era Space Age Love Song, e eu não via a hora de voltar para a pista. Achei meu canto entre a multidão, e comecei a dançar. Um pouco antes da segunda estrofe, senti uma mão nas minhas costas. Você começou a dançar perto de mim, sem tirar os olhos dos meus, cantando a letra junto. No riff, você segurou minha mão livre, com a outra pegou a cerveja e tomou um gole, sem parar de dançar. Você me rodopiou e riu, me devolvendo a cerveja. Comecei a cantar junto, *I saw your eyes, and you made me cry, for a little while, I was falling in love.*

Ao final da música, Paulo me avisou que estávamos indo embora e me pegou pelo braço. Na rua, Nico e o Poeta esperavam. Eu perguntei o que tava acontecendo, e o Poeta respondeu que a festa tava sendo transferida para o apê dele agora. Os três começaram a caminhar e eu fiquei um pouco pra trás, cruzando os braços, irritada pela realidade que me puxava pelos pés. Você apareceu do meu lado, sem falar nada. Caminhamos juntos no frio e no silêncio.

5

Moral e ética – ah, quisera eu ter menos delas. Talvez, assim, eu conseguisse seguir teus olhares para fora desse apartamento e me deixar levar pelos teus planos dos quais só espero que reflitam parte do meu desejo. Mas, não posso. Não estou contigo. Estou com ele, que nos apresentou, que me trouxe até aqui, que ficaria muito chateado se eu fosse contigo. Estou cansada de lutar contra a minha educação cristã, de me importar tanto com os outros, de não ser mais animal e, quem sabe, convidar você pra ir embora daqui e pra algum outro lugar, onde pudéssemos ser só corpo e suor. Eu fico te olhando, teu corpo magro e alto, escorado na parede, segurando a garrafa de cerveja pelo indicador e dedão, impaciente com aquele papo todo, me atravessando olhares que quero muito responder com "sim sim sim sim, vamos. Vamos sair daqui. Eu não sei voltar sozinha. Você sabe o caminho, vamos", mas eu olho para as minhas botas cada vez que nossos olhares se interpelam. Você bufa quando alguém menciona pizza, e larga a garrafa vazia em cima da escrivaninha do Poeta, pega a mochila do chão, vem até mim e diz "eu tô indo embora, tu vem?"

- Não posso.
- Por quê?
- Ele vai ficar chateado comigo.
- Foda-se ele. Tu quer vir comigo ou não?

Você me pergunta isso, como se fosse assim, simples. Talvez seja. Você me encara, por trás das tuas lentes grossas, penso como gostaria de olhar direito nos teus olhos e determinar a cor deles: castanho esverdeado? Mel? Penso como gostaria de sentir o teu peito, sentir os pelos (se tiver), como gostaria de ver um pouco mais de ti...

- Eu não posso.
- Foda-se, então. Eu tô indo.
- Eu te levo ali embaixo. Esse bairro não é muito seguro.

Você ri de mim. Sim, eu sou a turista. A turista querendo proteger o nativo. A turista querendo turistar inocentemente. Se a calçada dessa rua cheia de travestis e prostitutas é o máximo de intimidade que vou conseguir contigo, eu aceito. Que entre as sirenes, a gente troque sussurros e segredos enquanto teu táxi não chega. Que depois eu vá dormir e sonhe com o teu cheiro de álcool e maconha, e o toque das tuas mãos aquecendo as minhas nesse frio da baía.

- Eu queria que tu viesse comigo. - tu sussurra pra mim, tua respiração formando uma neblina em volta do meu rosto.
- Eu também queria, mas não posso. Não consigo. Não me perdoaria.
- Ele é um idiota, não te merece.
- Mas me trouxe aqui. E você é amigo dele.

Tu me abraça forte e de repente sinto que a barreira formada pelos casacos e camadas de suéters se desfaz. Tu esmaga o teu peito contra o meu; se eu prender minha respiração, acho que consigo sentir teu coração no meu seio, ou será o meu? Eu aproveito pra te inalar todo, pra tocar os fios de cabelo que crescem desgovernados na tua nuca... você me segura assim, por mais tempo do que o socialmente aceito entre duas pessoas que se conhecem só há dois dias; os segundos nos denunciam.

Não me aguento, viro os olhos para cima. Da janela do quarto andar ninguém nos olha. Estão todos muito bêbados e chapados para desconfiar disso. Eu tremo de desejo, de frio, de nervosismo; eu quero te beijar. Te resisto como um ímã a outro, e rezo a Deus que teu táxi chegue logo.

- Eu quero, tu quer. Vem comigo.

Eu não tenho mais fôlego pra te recusar. Eu só balanço a cabeça e torço pelo fim disso tudo. Logo a rua escura neon é iluminada pelos faróis do carro que me salvará, que me agonizará pelo resto dessa noite e por muitas noites ainda. Tu entra sem me dar tchau. Eu não me viro pra te ver ir embora. Fico parada, olhando para as minhas botas, sentindo o teu calor se esmaecer no frio da cidade.
